



Klaus Kleber*

Turbulência em céu de brigadeiro

Não há tormentas à vista na economia, mas um medo danado do imprevisível

Vejam, há mais de um mês, todos analistas vêm cantando que o Fed iria aumentar a taxa básica de juro americana para 5,25%. Como sempre, o mercado antecipa possíveis adversidades e as precifica. O aumento de 0,25 ponto percentual na taxa do Fed, que ontem se tornou realidade, não devia provocar susto algum. Mas o "chairman" do Fed, Ben Bernanke, perdendo uma boa oportunidade de ficar calado, disse, em comunicado, que um novo aperto monetário "pode ser necessário".

Nada mais agradável para os ouvidos das pitonisas do mercado, para as quais maus augúrios significam gordos lucros. Agora vão dar como certo que o Fed, em sua reunião de 8 de agosto, vai puxar de novo a taxa básica americana em 0,25 ponto para 5,50%. O que acontecerá? Será que a economia brasileira, acompanhando uma tendência mundial, vai desabar?

Todos sabemos que a subida do juro básico americano desvia dinheiro dos países emergentes e o leva para aplicação em títulos do Tesouro dos EUA e outros portos mais seguros. E quem mais sofre com isso a curto prazo é a Bolsa, com o peso que os investidores do exterior têm no volume de negócios. Mas recurso estrangeiro na Bovespa é um entra-e-sai, a que o mercado já devia estar acostumado. Em contraste, os investimentos diretos estrangeiros no Brasil em maio foram de US\$ 1,576 bilhão, 121% a mais que no mesmo mês do ano passado.

Na realidade, a economia brasileira está em céu de brigadeiro. A inflação está sob controle (em um período de 12 meses, o IPCA caiu de 4,63% em

abril para 4,23% em maio), as contas externas estão em ordem, os preços do petróleo não estouraram, as empresas brasileiras apresentam bons lucros, as exportações estão crescendo e as importações também, reduzindo as pressões sobre a cotação do dólar. O superávit primário está em 4,54% do PIB nos 12 meses até abril, tudo fazendo crer que não passe de 4,25% do PIB ao fim do ano e o risco-país vem caindo. Em matéria de fundamentos econômicos, que querem mais?

O problema é o CAT. Expliquem: dizem os especialistas em aviação que céu de brigadeiro é um mito. Céu azul não dá segurança de um voo tranquilo pilotado por velhos brigadeiros que há muito trocaram o manche por mesas de gabinete. O grande perigo mora no que eles chamam em inglês de CAT, que, em linguagem aeronáutica, não é gato, mas "clear air turbulence", um fenômeno imprevisível, muito mais temido do que fortes ventos ou tempestades.

Em uma fase em que tanto se fala em turbulência, que bloqueia investimentos, faz o "spread" subir e bagunça a cabeça dos operadores da bolsa, não havendo tormentas à vista, o que predomina é um medo danado. E, como sempre, os mais medrosos e mais catastrofistas se refugiam no "bunker" do Banco Central onde se reúne o Copom. Em sua próxima reunião, em 18/19 de julho, o Copom vai certamente alegar turbulência para não baixar o juro em mais de 0,25 ponto percentual, isto é, se baixar. Seria mais honesto se culpasse o gato.

* Membro do conselho editorial da Gazeta Mercantil

E-mail: kkleber@gazetamercantil.com.br